

Ainda a Cena dos Auscultadores à Cabeça Mas, Desta Vez, Sem Música

Por: Manuel Matos

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade do Porto (FPCEUP)

- Então, e tu o que fizeste?- perguntava o interlocutor à professora do aluno com os auscultadores à cabeça.

- Isso é muito complicado de explicar -, respondeu. Terá de ficar para a próxima.

A próxima é esta. Para aqueles que só agora chegam, lembrarei que estou a contar uma história verdadeira que se passa numa sala de aula, onde um aluno se apresenta de auscultadores à cabeça para fazer um teste e pergunta à professora se pode.

Sublinhemos, antes que passe, a pergunta do interlocutor: "Então, e tu o que fizeste?"- Notemos que não é: "Então, e tu o que disseste?". O importante, aqui, é a **acção**, porque se trata de **transformar** uma situação, que não tem sentido educativo, num comportamento não só adequado, mas com sentido para o próprio aluno. Então, a palavra é o instrumento da acção. Mas é um instrumento complexo porque tem de articular a intenção do falante com o quadro significativo do ouvinte de tal modo que o ouvinte possa, ele próprio, **agir** sobre o seu quadro de significação, reconhecendo o sentido do seu acto, em confronto com a intencionalidade do falante e aceitando alterá-lo. A palavra é, claramente, aqui, a **comunicação para a cooperação**, como diria BERGSON, o que é, de resto, a função primitiva da linguagem.

A palavra cria, portanto, as condições para a mudança. Cria se...o falante também mudar de modo a enquadrar-se na situação do ouvinte, abandonando a atitude espontânea e mecânica pressuposta na palavra vazia. Teste é teste. O encontrar a palavra exacta para a situação corresponde assim a construir **outra** atitude, processo que está documentado na série de questões que a docente se põe a si própria perante o inédito da situação. Esta busca solitária e interior, vertiginosa e contraditória, não é um mero processamento da informação, como tendem a dizer os neo-pedagogos à la mode. Não se trata de trabalhar dados no interior dum sistema já pre-figurado; trata-se de integrar contradições do sistema a partir da revisão crítica do papel que os actores desempenham nele.

Ora, isso significa produzir e introduzir opções não previstas no sistema, defendendo-se com ele contra ele. No caso dos auscultadores, a professora serve-se do sistema, donde lhe vem a **autoridade**, para tentar construir uma relação não **autoritária**, tendo em vista uma opção de vida e de escola assente numa relação **autorizada**, isto é, construída com a participação dos actores assumindo-se como **autores** da relação.

Tudo isto parece palavreado fácil, ainda por cima muito à la mode. Concedamos, por um momento. Mas conceda-me o leitor também mais algumas linhas de atenção. O que é o adolescente de auscultadores à cabeça em dia de teste se não o caso típico do actor social que produz inovações nos contextos organizacionais, justamente à medida que a sua socialização se faz em contextos de fronteiras psico-sociais cada vez menos definidas? A sua acção é, por isso, cada vez menos regulada por critérios que se sobreponham aos seus interesses imediatos. Nestas condições de descontextualização (deixem passar mais este à la mode), as regras que antecipam o sentido da acção tornam-se flutuantes, permitindo assim, os comportamentos esquisitos em confronto com as estruturas do sistema previamente reguladas. A atribuição de esquisito é minha e é bom de ver que o aluno não a faria. Essa é a vantagem da autoridade, poder definir o sentido das coisas, dando-lhes nomes e conferindo-lhes significados de fora para dentro. Bastará para se ser autorizado na matéria?

- Como tudo isto é chato, senhores -, dirá cá um certo leitor que não é, evidentemente, você.... - Antigamente, era

tudo muito mais simples -...

Concordo inteiramente, mas pouco posso fazer, a não ser continuar, perdendo, eventualmente, um certo leitor.

(Janeiro/97)